

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

LUIZ BARROS

A RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO E O
EMPODERAMENTO DE GRUPOS NO CONTEXTO DIGITAL:
UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES REGISTRADAS EM PÁGINAS DE COLETIVOS
DE FAVELAS NO FACEBOOK

Rio de Janeiro

2018

LUIZ BARROS

**A RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO E O
EMPODERAMENTO DE GRUPOS NO CONTEXTO DIGITAL: UMA ANÁLISE
DAS INTERAÇÕES REGISTRADAS EM PÁGINAS DE COLETIVOS DE FAVELAS
NO FACEBOOK**

Projeto Final apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Profa. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas

Rio de Janeiro

2018

B277r Barros, Luiz

A relação entre a produção colaborativa da informação e o empoderamento de grupos no contexto digital: uma análise das interações registradas em páginas de coletivos de favelas no facebook / Luiz Barros. -- Rio de Janeiro, 2018. 61 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia)
– Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas.

1. Informação 2. Grupo Sociais. 3. Empoderamento. 4.
Facebook. I. Dantas, Regina. II. Universidade Federal do Rio de
Janeiro. III.. Título.

CDD: 025

LUIZ BARROS

**A RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO E O
EMPODERAMENTO DE GRUPOS NO CONTEXTO DIGITAL: UMA ANÁLISE DAS
INTERAÇÕES REGISTRADAS EM PÁGINAS DE COLETIVOS DE FAVELAS NO
FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, XX de 07 de 2018.

Profa. Phd Regina Maria Macedo Costa Dantas
Orientadora

Profa. Dra. Ana Senna
Membro interno

Profa. Msc Dandara Macedo Costa Dantas
Membro externo

Dedico esse trabalho a todos os pretos, pobres, favelados que foram e são dizimados pelo poder do Estado. À todas as mulheres que tiveram, historicamente, as suas vozes inúmeras vezes silenciadas e que foram deslegitimadas, nessa sociedade machista e patriarcal. Esse trabalho não é só meu, é nosso! Eu sou porque nós somos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas mães, tanto a que me gerou, Loricí, quanto a minha irmã Kelly, por sempre terem sido bons exemplos na minha vida e que me inspiram a cada dia ser alguém um pouco melhor do que eu sou.

À minha tia Salvenir (*in memoriam*)

Aos meus companheiros de classe: Anelizi Coelho, Marcelly Brandão, Alice Idália

Aos amigos pretos extraclasse que igualmente me apoiaram nesse percurso árduo chamado universidade: Marcelle Decothé, Fabiano Sacramento.

Aos meus amigos, Gisele Duarte e José Luiz Costa Sousa Gonçalves, os melhores EREBDianos de todos os tempos #SentiFalta

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”

Carolina Maria de Jesus (1963)

“Hoje o Quilombo vem dizer; Favela vem dizer; a rua vem dizer: Que é nós por nós.”

Mano Teko (2014)

RESUMO

Este trabalho busca investigar como a produção colaborativa da informação na web 2.0 contribui para o empoderamento de grupos socialmente excluídos. Analisa-se o processo de produção colaborativa da informação presente na esfera digital, onde a web se consolida como um ambiente potencializador. Compreende-se que as interações criam um efeito em rede, mediante uma arquitetura participativa, que encoraja a participação do usuário. Apresenta como objetivos específicos: analisar as práticas colaborativas de produção e compartilhamento de conteúdos no contexto digital; compreender a relação entre empoderamento e grupos sociais; evidenciar a produção colaborativa da informação como ação emancipatória do indivíduo. Trata-se de uma pesquisa que se caracteriza com uma abordagem mista, apresentando um caráter exploratório-descritivo e vale-se da Netnografia como principal abordagem metodológica. Tem como campo de pesquisa a página de coletivos de favela, Maré Vive, Coletivo Papo Reto; Coletivo Fala Akari, no facebook, através de postagens, curtidas, comentários e compartilhamentos, feitos pelas páginas e seus usuários. A sistematização e análise dos dados estão ancoradas nos conceitos de informação, a noção de comunidades e grupos sociais, empoderamento, mídias sociais e favela. As conclusões apontam para o entendimento que somente com o acesso à informação é possível formar pessoas críticas, argumentadoras e a procura de inquietações que possam ser respondidas, efetivando-a como ação emancipatória do indivíduo

Palavras-chave: Informação. Grupos Sociais. Empoderamento. Facebook.

ABSTRACT

This paper seeks to investigate how the collaborative production of information on web 2.0 contributes to the empowerment of socially excluded groups. We analyze the process of collaborative production of information present in the digital sphere, where the web consolidates itself as a potentiating environment. It is understood that the interactions create a network effect, through a participatory architecture, that encourages the participation of the user. It presents specific objectives: to analyze the collaborative practices of production and sharing of contents in the digital context; understanding the relationship between empowerment and social groups; to evidence the collaborative production of information as an emancipatory action of the individual. It is a research that is characterized by a mixed approach, presenting an exploratory-descriptive character and uses Netnography as the main methodological approach. Its field of research is the favela collective page, Maré Vive, Colectivo Papo Reto; Fala Akari collective, on facebook, through posts, tastings, comments and shares, made by the pages and their users. The systematization and analysis of data are anchored in the concepts of information, the notion of communities and social groups, empowerment, social media and favela. The conclusions point to the understanding that only with the access to information is it possible to form critical, argumentative people and the search for questions that can be answered, making it an emancipatory action of the individual

Keywords: Information. Social groups. Empowerment. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Descrição da página Maré Vive.....	38
Figura 2 - Postagem e descrição da foto de perfil da página Maré Vive.....	39
Figura 3 - Divulgação de evento cultural da página Maré Vive.....	40
Figura 4 - Destruição de barracas na Vila Kenedy – parte 1	41
Figura 5 - Destruição de barracas na Vila Kenedy – parte 2.....	41
Figura 6 - Foto Antiga do Morro da Maré.....	42
Figura 7 - Página inicial do Coletivo Papo Reto	44
Figura 8 - Dilulgação do evento Slam Laje, batalha de poesia	45
Figura 9 - Apadrinhamento de crianças negras, para assistirem ao filme Pantera Negra	46
Figura 10 - Bate papo entre moradores das favelas do Rio de Janeiro com ativista de Direito Humanos.....	47
Figura 11 - Entevista com Moradora Empreendedora.....	48
Figura 12 - Obra do teleférico, elefante branco.....	49
Figura 13 - Página inicial do Coletivo Fala Akari.....	50
Figura 14 - Audiência Pública na Favela de Acari.....	51
Figura 15 - Postagem ensinando como filmar violência policial na favela.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comentários na foto de perfil.....	39
Quadro 2 - Comentários na postagem da foto antiga da Maré	42
Quadro 3 - Comentários na postagem da audiência pública da favela de Acari	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estimativa da variação da população moradora em favela e não-favela, por Áreas de Planejamento - Município do Rio de Janeiro - 2000 e 2010	30
Tabela 2 - Dez maiores favelas do município do Rio de Janeiro	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA	14
1.2 JUSTIFICATIVA	14
1.3 OBJETIVOS	15
2 INFORMAÇÃO.....	16
2.2 EMPODERAMENTO	18
2.3 COMUNIDADES E GRUPOS SOCIAIS	22
3 MÍDIAS SOCIAIS.....	25
4 FAVELA.....	28
4.1 ESTIMATIVA DE CRESCIMENTO DAS FAVELAS ENTRE 2000 e 2010	30
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
5.1 TÉCNICAS DE COLETA E INSTRUMENTO DE PESQUISA	32
5.2 O FACEBOOK ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA	34
6 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXO A.....	59

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual há uma predominância nas comunicações viabilizadas pela internet, onde a rapidez na troca de informações se faz presente. No ambiente digital as comunicações são marcadas pela instantaneidade, possibilitando assim uma maior disseminação do conteúdo. Isto é possível devido a um contexto social e tecnológico que possibilitou o aprimoramento da colaboração e das interações sociais mediadas pelo computador cuja denominação é a web 2.0. A web 2.0 se constitui como uma evolução das práticas e produtos oferecidos na web, marcada por sua característica potencializadora dos processos de trabalho coletivo, dos processos de troca e circulação de informações.

O'Reilly (2005), responsável por cunhar o termo “Web 2.0” na literatura, a compreende como uma plataforma que engloba todos os dispositivos conectados, em um processo constante de atualização baseado nas interações e nos compartilhamentos entre os usuários. As interações criam um efeito em rede, mediante uma arquitetura participativa; que encoraja a participação do usuário.

O autor não propõe uma atualização puramente técnica para a web e sim uma mudança na forma como ela é percebida, tanto pelos usuários quanto pelos desenvolvedores, ou seja, tem-se um ambiente de interação e participação que hoje engloba diversas linguagens. Desta forma ajuda a tornar o ambiente online cada vez mais dinâmico e participativo, o que contribui diretamente para a construção coletiva do conhecimento e uma inteligência coletiva, propiciada pelo ciberespaço.

Pierry Lévy (1999) em sua obra intitulada “Cibercultura” aborda o crescimento vertiginoso do ciberespaço como um novo meio de comunicação entre os indivíduos e que advém da interconexão mundial dos computadores e aponta como consequência o surgimento da cibercultura.

De acordo com o autor “[...] a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15). Este novo universal refere-se às novas formas de interações no ciberespaço que o autor também chama de rede. Para ele o ciberespaço

[...] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao

neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Dentro dessa estrutura os indivíduos utilizam e se apropriam dos espaços digitais como formas de expressão para serem ouvidos, para se comunicar; como por exemplo fazer denúncias, e ajudar ao próximo com as questões que estão propondo. Nesse contexto as redes e laços vão sendo formados pela identificação entre os indivíduos constituintes da mesma rede de comunicação.

Desta forma as pessoas criam grupos e comunidades para troca e disseminação de informações, o que as possibilitam ter voz para os seus pensamentos e ideologias, de modo que se aproximam ou se separam, dependendo do cunho ideológico por trás das suas ideias.

Esses grupos bem como os seus subgrupos são marcados pela produção colaborativa da informação, ou seja, cooperam entre si no processo de veiculação das informações que julgam pertinentes. Essas informações estão ou podem estar relacionadas ao cotidiano, ao bairro em que vivem, interesses políticos, econômicos, dentre outros, em um processo contínuo que é a construção coletiva do conhecimento.

Por meio desses espaços dialógicos as pessoas se informam e geram informações, formulam as suas próprias questões em um processo de crescimento e autoconhecimento, potencializado pelos grupos em que estão inseridos. A partir dessas interações os indivíduos atuam conscientizando a si e aos demais sobre direitos sociais, civis, morais, dentre outros que aos poucos provocam uma emancipação desses indivíduos por meio da coletividade. As interações mediadas por esses espaços propiciam uma maior autonomia intelectual, política, social e emocional.

1.1 PROBLEMA

Como a produção colaborativa da informação na web 2.0 contribui para o empoderamento de grupos socialmente excluídos?

1.2 JUSTIFICATIVA

As desigualdades sociais na sociedade brasileira são grandes e históricas, há uma grande disparidade entre os cidadãos que fazem parte deste país. Os grandes históricos de corrupção além de uma má distribuição de renda, impactam diversas áreas da sociedade tais como educação e saúde.

À medida que a sociedade vai crescendo, deixa de lado vários grupos sociais, que por vezes são silenciados. Os inúmeros grupos sociais revelam as diversas manifestações culturais, religiosas, sociais e políticas, presentes na estruturação da sociedade. Nesse cenário as pessoas utilizam cada vez mais o ambiente digital para se comunicar e se informar, o que propicia uma produção crescente e colaborativa da informação.

Ressalta-se que os avanços tecnológicos assim como o impacto da informação como elemento-chave na sociedade viabilizam oportunidades para que as pessoas saiam do estado de inércia e tornem-se agentes ativos no uso, na geração e na apropriação da informação.

Essa informação se manifesta como elemento importante no que diz respeito às questões sociais, o que contribui para a construção de uma sociedade mais plural e coletiva. Desta forma julga-se necessário realizar um estudo que abarque as questões levantadas, fomentar debates acerca da temática para a Biblioteconomia e o campo de estudos da informação, bem como para a sociedade.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral consiste em analisar a relação entre a produção colaborativa da informação e o empoderamento de grupos no contexto digital

Os objetivos específicos são:

- a) analisar as práticas colaborativas de produção e compartilhamento de conteúdos no contexto digital;
- b) compreender a relação entre empoderamento e grupos sociais;
- c) evidenciar a produção colaborativa da informação como ação emancipatória do indivíduo.

2 INFORMAÇÃO

Falar de informação é ter a ciência de que se está trabalhando com um conceito polissêmico, ou seja, existem várias acepções acerca do mesmo conceito. Vários são os autores que tentam definir o que é informação e suas variantes, sendo assim um conceito marcado pela multiplicidade de categorizações e acepções nas mais variadas áreas do conhecimento. Desta forma este conceito vai variar dependendo do contexto e de acordo com a abordagem da pesquisa que está inserida e dos indivíduos que o tomam para si, bem como a área do conhecimento estudada.

De acordo com Francelin e Pellegatti (2004, p. 124) “Numa disposição formal, o fenômeno da informação é estudado em disciplinas diversas, confirmando assim as ramificações complexas e muitas manifestações a ele associadas”

Tendo em vista as diferentes interpretações acerca do conceito de informação, Fogl (1979, p.22) objetivando a compreensão do conceito propõe três grupos principais de definições, que são:

I. Informação como uma forma de comunicação social entre as pessoas - caracterizada pelo processo comunicacional dos grupos, o que ele diz refletir o significado original de informação nas definições do grupo;

II. Informação como um instrumento de gestão nos sistemas cibernéticos (técnicos, biológicos, sociais), por meio dos estudos de comunicação e de controle das máquinas e seres vivos;

III. Informação como uma propriedade de qualquer matéria.

A informação como uma forma de comunicação social pode ser encontrada nos mais variados suportes informacionais, sejam eles eletrônicos e/ou físicos, tais como periódicos, jornais, cartas, artigos científicos, mídias sociais, dentre outros.

Para se falar de informação, é necessário compreender a sua relação com a linguagem, tendo em vista que esta, a informação, é constituída por meio de um processo comunicacional, uma vez que é da necessidade humana se comunicar, seja por meio de símbolos, seja por meio da oralidade.

Segundo Messias (2005, p. 31) no âmbito da comunicação humana, “[...] a informação vincula-se a concepções cognitivas em que o sujeito estabelece relações significativas com esses conteúdos informacionais.”, decorrendo daí a ideia de que a informação é inseparável do sujeito.

Saracevic (1999 apud RIBAS; ZIVIANE, 2007, p. 48) considera informação “[...] como sinais ou mensagens para decisões, envolvendo processo cognitivo e entendimento resultante da interação mente e texto e, em uma situação conectada a um contexto social.”

Dito isto de outra forma, a informação passa pelo indivíduo por meio de um processo cognitivo (pensamento, linguagem, percepção), que faz a tradução daquilo que efetivamente recebe de conteúdo e a partir disto transforma em conhecimento para si. Evidencia-se então a linguagem no cerne das relações entre os indivíduos e os conteúdos informacionais, na qual deve se desconsiderar o contexto social e cultural que a pessoa está inserida.

Marteletto (2002) compartilha de opinião semelhante quando afirma que a informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais.

Desta forma, compreende-se a informação como sendo necessária no contexto atual, podendo agir também como processo emancipador, promovendo ao indivíduo um crescimento individual e social.

Marteletto (1995) em uma leitura antropológica da informação sustenta que seu processo de construção como objeto só manifesta quando se levam em conta tanto as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural, ou seja, observar o indivíduo no seu devido espaço com todas as suas manifestações extrínsecas e intrínsecas.

Segundo Vitorino e Piantola (2011, p. 101) “[...] a informação é elemento primordial no que diz respeito à cultura em sociedade, por isso, o acesso à informação e ao conhecimento é a chave para o exercício pleno da cidadania”, desta forma, percebe-se o valor social da informação, bem como a interação com seus atores.

A partir desta prerrogativa visualiza-se a importância da informação no exercício pleno da cidadania que reflete diretamente no papel exercido por este indivíduo na sociedade, nos âmbitos civis, políticos, permitindo que estes se posicionem em pé de igualdade de condições pela disputa de recursos e acesso aos serviços sociais.

Sob a ótica do paradigma social da informação (informação enquanto construção social) pode ser analisado a partir de três aspectos, sendo estes, de acordo com Capurro (2003), o paradigma físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social.

O paradigma físico possui relação com a Teoria Matemática da Comunicação, apresentada por Shannon e Weaver (1949). Neste paradigma a informação é vista como um objeto físico e que é difundido de um emissor para um receptor (apud CAPURRO, 2003).

O paradigma cognitivo é direcionado para a cognição humana. O indivíduo que outrora era tido apenas como um receptor passivo, agora está no cerne da análise do processo informativo. Analisa-se então se os processos informativos transformam ou não o sujeito, entendido em primeiro lugar como “[...] sujeito cognoscente possuidor de “modelos mentais”

do “mundo exterior” que são transformados durante o processo informacional” (CAPURRO, 2003, documento não paginado).

O paradigma social relaciona-se a informação inserida em um contexto social e cultural no qual há diferentes grupos.

Para Capurro (2003, documento não paginado), “só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhando com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo.”.

Hjørland (2002 apud MARCIAL et al., 2007) aborda por meio de uma visão cognitivista, que necessidades informacionais são oriundas de dentro do cidadão. Depreende-se por meio dessa abordagem cognitiva e social que as necessidades são geradas por fatores sociais e culturais, isto é, vem de fora para dentro. Com esta visão, é possível perceber o conhecimento do indivíduo numa perspectiva histórica, cultural e social, compreendo-o no todo visto que não isola o indivíduo do seu contexto.

Mediante ao exposto adotou-se no presente estudo uma noção de informação sob o olhar da construção social (paradigma social) aliado ao paradigma cognitivo por meio de “[...] um processo de criação de significado pelos indivíduos e/ou por grupos de indivíduos, com base em seus conhecimentos prévios e compartilhados.” (PEREIRA; MORIGI, 2013, p. 15-16). Estes indivíduos podem ser vistos e entendidos como uma construção social e coletiva.

2.2 EMPODERAMENTO

O termo possui origem na língua- inglesa *empowerment*- e alguns autores preferem utilizá-lo em seu idioma original de modo a manter a precisão na tradução. Buscando a origem da palavra *empowerment*, verifica-se as seguintes definições no DICIONÁRIO OXFORD (1989): “1. Autoridade ou poder dado a alguém para fazer algo. 1.1 processo de tornar-se mais forte e mais confiante, especialmente no controle da vida e na reivindicação de seus direitos (Tradução do autor¹)”.

¹ Original: “Authority or power given to someone to do something. 1.1 The process of becoming stronger and more confident, especially in controlling one's life and claiming one's rights.”

Por sua vez, o dicionário Merriam-Webster (MISH, 2004) aponta as seguintes definições: “Para dar autoridade oficial ou poder legal para autorizar seu advogado a agir em seu nome (Tradução do autor.²)”.

Embora esse termo comumente apareça na literatura com uma abordagem voltada a melhorar a situação e posição dos grupos mais vulneráveis (KLEBA; WENDAUSEN, 2009), já de acordo com Stotz e Araújo (2004) a palavra *empower* na tradição anglo-saxônica do liberalismo civil e religioso possui como tradução os verbos intransitivos autorizar, habilitar ou permitir.

Kleba e Wendausen (2009, p.733) dizem que “o empoderamento é um termo multifacetado que se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutuais.”

De acordo com Kleba e Wendausen (2009) historicamente a construção e concepção do empoderamento e seus diversos sentidos advém de várias origens, cujas raízes estão na luta por direitos civis. Sobretudo, nos movimentos feministas, assumindo significações que se referem ao desenvolvimento de potencialidades e ao aumento de informações e percepções, em uma busca por uma participação real e simbólica que possibilite a democracia. A construção conceitual é iniciada nos anos 1970 influenciada pelos movimentos de autoajuda; seguindo nos anos 1980 pela psicologia comunitária e, nos anos 1990 pelos movimentos que buscam afirmar o direito de cidadania sobre distintas esferas sociais, dentre as quais a da saúde.

Segundo Oakley e Clayton (2003 *apud* KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 735) a construção do conceito de empoderamento ocorre na década de 1970, a partir do conceito de desenvolvimento, através de transformações que se expressam no debate da “modernização” ou a “dependência”. Tais transformações são tidas como causas do subdesenvolvimento, as autoras continuam dizendo que com a chegada dos pós-modernistas que introduzem uma nova questão: a relação entre “poder” e “pobreza”.

Vasconcelos (2003) salienta que a literatura pertinente ao termo empoderamento não é nova e sim uma reelaboração e reapropriação de práticas e princípios já existentes.

Partindo da definição que o processo de empoderamento é dinâmico e envolve uma série de aspectos, tanto intrínsecos (afetivos) quanto extrínsecos (atitudinais), podemos suscitar que este ocorre em diferentes espaços; sejam eles os espaços tidos como tradicionais na produção e veiculação de conhecimento científicos (universidades, empresas, eventos

² Original: “[...]to give official authority or legal power to *empowered* her attorney to act on her behalf.”

científicos) bem como em movimentos sociais autônomos, por meio de um processo de suporte mútuo, cooperativo e auto gestacional que possibilitam uma consciência crítica, política e emancipatória desses indivíduos.

Este trabalho adota o termo empoderamento devido a sua frequente utilização por outros autores da língua portuguesa. O termo tem sido debatido nas mais variadas áreas do conhecimento, tais como: educação, ciências sociais e aplicadas, psicologia, ciências da saúde. Dito isto, o conceito permeia diferentes perspectivas intelectuais, profissionais e epistemológicas, embora seu significado em âmbito nacional não possuir caráter universal.

No Brasil há dois sentidos mais comumente empregados, tais como apresenta o trabalho da autora Gohn (2004, p.23)

[...] Tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc.

É preciso estar atento para não reduzir o empoderamento à práticas estritamente assistencialistas, sendo assim, não pode ser fornecido de uma pessoa para outra, tampouco realizado para pessoas e/ou grupos. A autonomia dos indivíduos se manifesta paulatinamente a medida que essas pessoas empoderam a si mesmos. Mediante esse processo “[...] as pessoas renunciam ao estado de tutela, de dependência, de impotência, e transformam-se em sujeitos ativos” (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 735). Desta forma tomam o controle e a direção de suas próprias vidas e participam democraticamente no cotidiano de diversos arranjos coletivos.

O conceito de empoderamento está ligado à noção de autonomia pois refere-se à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito. Com isto, podem tomar ações mais participativas em diversas esferas (política, econômica, cultural, psicológica, entre outras).

Horochovski e Meirelles (2007, p. 495-496) elencam alguns níveis ou sujeitos de empoderamento:

- I. **Empoderamento individual** ou **intrapessoal** - ocorre quando indivíduos singulares se autopercebem como detentores de recursos que lhes permitem influir nos e mesmo controlar os cursos de ação que lhes afetam. Afirman que o empoderamento individual é relacional, na medida em que resulta da percepção que os indivíduos têm de e em suas interações com os ambientes e as demais pessoas.

- II. **Empoderamento organizacional** - é o empoderamento gerado na e pela organização, independentemente desta ser pública ou privada, por meio de mecanismos de compartilhamento do poder decisório e da liderança, de modo que as decisões sejam mais coletivas e horizontais.
- III. **Empoderamento comunitário** - é o processo pelo qual os sujeitos – individuais e coletivos – de uma comunidade, por meio de processos participativos, constroem estratégias e ações para atingir seus objetivos coletiva e consensualmente traçados.

As autoras Kleba e Wendausen (2009) também apresentam o processo de empoderamento em três níveis:

- a) **nível Pessoal ou Psicológico:** o empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade. Um dos aspectos centrais nesse nível é a mudança de mentalidade a partir da percepção do sujeito das próprias forças, que resulta em um comportamento de autoconfiança. É necessário reconhecer, no entanto, que o empoderamento pessoal não se realiza de forma independente, mas implica um processo de integração na comunidade, em que as diferentes formas de engajamento são campos de aprendizagem e reconhecimento junto aos membros do grupo;
- b) **nível Grupal ou Organizacional:** desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. Refere-se a organizações sociais, comunitárias ou estruturas mediadoras (como parentesco, grupos de vizinhança, igrejas, entidades de serviços), as quais oferecem oportunidades para adquirir novas ferramentas, desenvolver um sentido de confiança e de comunidade, e melhorar a vida comunitária;
- c) **nível Estrutural ou Político:** o empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a responsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania. Pode ser traduzido como um processo conflituoso de redistribuição de poder político, em cujo percurso pessoas ou grupos renunciam a uma posição de dominação e se apropriam de habilidades de participação democrática e de poder político de decisão.

Apesar de posicionamentos distintos é possível perceber as similaridades entre os autores expostos, no qual separam em categorias afim de pormenorizar os subgrupos dentro de uma estrutura maior. Esta forma de divisão nos possibilita compreender melhor as nuances

do empoderamento em diversos níveis, que passam pelo mais básico (individual ou pessoal) e chegam às instâncias coletivas. Ambos entendem ou procuram entender os indivíduos como seres mutáveis, ou seja, pessoas capazes de assimilar por meio de um processo cognitivo, e a partir disto, mudar e empoderar a si e os demais. Essas possíveis mudanças ocorrem em um contexto de mudança social e de desenvolvimento político, promovendo equidade e qualidade de vida.

2.3 COMUNIDADES E GRUPOS SOCIAIS

A vivência em comunidades é algo intrínseco às relações e faz parte da história da humanidade. Bauman (2003) em sua obra denominada “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” diz que as palavras possuem significados e muitas delas trazem consigo sensações; e a palavra comunidade é uma delas, pois sugere uma noção de coletividade, que passa pelo sentimento de ter e estar inserido em uma comunidade. Aborda como se dá a sensação e formação do sentimento de pertencimento que o indivíduo estabelece com os atores constituintes da comunidade na qual está inserido.

O autor faz uso de analogias para explicar de forma simples como os indivíduos usam e se apropriam desse conceito. Para tanto, exemplifica que frequentemente utilizamos a noção de êxito e fracasso individual a partir das relações coletivas, ou seja, se um indivíduo se afasta daquilo que é considerado correto pela sua comunidade de origem, é dito que esta pessoa se envolveu em má companhia, e se alguém falha miseravelmente se vê persistentemente privado de uma vida digna, automaticamente culpamos a sociedade (modo como funciona e está organizada).

As sensações expostas por Bauman (2003) vão além do sentimento de pertencimento, abrangem também a noção de segurança que tanto pode ter relação com o exterior à comunidade quanto pela confiança estabelecida entre os membros, que cooperam e se apoiam. O processo de suporte mútuo se solidifica por meio das vivências experimentadas por esses indivíduos de tal modo que como as pessoas se escutam, se explicam, pedem desculpas.

De acordo com Peruzzo, Cogo e Kaplún (2002) falar em comunidades significa fortes laços, de reciprocidades e de sentido coletivo dos relacionamentos.

Segundo Tönnies (1947 apud BRANCALEONE, 2008, p. 99) um corpo comunitário existiria muito antes da constituição social de indivíduos e seus fins, ainda que isso não implique sua restrição a tais condições sócio-genéticas.

Tönnies (1973) num conjunto de etnologias reunidas por Florestan Fernandes na obra intitulada *Comunidade e Sociedade* reúne textos que visam entender como são dadas as interações entre os indivíduos. Em um primeiro momento essas relações nascem no bojo das interações humanas, no sentido mais primitivo e natural, que começa no nascimento. Em um segundo momento, compreende comunidade a partir de vizinhança (comunidade de um lugar) e afinidade espiritual, depreende-se a partir dessa prerrogativa a concepção de comunidade que remete ao sentimento de vida em comum, tendo como norte laços afetivos que interligam indivíduos que convivem em um mesmo espaço físico.

Peruzzo, Cogo e Kaplún (2002) propõem algumas categorias, que de acordo com a autora, reflete a ideia de comunidade nos dias atuais, contudo, chama a atenção para o fato de que nem todas serão encontradas simultaneamente em todas as comunidades. Algumas destas categorias estão listadas e explicadas abaixo:

- a) **participação:** os indivíduos pertencentes as estas categorias são entendidos como sujeitos pois tendem a possuir característica ativa dentro do grupo que está inserido, impactando e sendo impactado com as suas ações;
- b) **sentimento de pertença:** o processo de pertencimento é sentido na medida em que ele se sente a cada vez mais integrado;
- c) **caráter cooperativo e de compromisso:** configura-se na capacidade extrínseca de somar esforços ao grupo, com responsabilidade para com os demais.
- d) **confiança** - Crença na probidade moral, na sinceridade de outrem;
- e) **reconhecer-se como comunidade:** o indivíduo é capaz de reconhecer não somente a si e sim como pertence a um dado grupo;
- f) **alguns objetivos e interesses comum:** os interesses estão alinhados com os demais integrantes;
- g) **com ou sem *locus territorial específico*:** nesta característica coexistem as comunidades virtuais e aquelas de base territorial, ou seja, um lugar fixo.

As categorias propostas por Peruzzo, Cogo e Kaplún (2002) são potencializadas pelas relações entre os seus pares, que são potencializadas pela comunicação, que nada mais é “[...] um conjunto de ações para com outra pessoa, mas sim a interação criada entre os participantes. Isto é, um indivíduo não comunica, ele se integra na ou passa a fazer parte da comunicação.” (PRIMO, 2000, p. 5)

Primo (2000) realizou uma proposta de estudo que visava abordar as interatividades e começa o assunto por meio de uma evolução teórica da temática interatividade em relação às

estruturas de poder, às tecnologias que viabilizam a interatividade; e em relação ao uso dessas tecnologias de forma criativa.

O autor em primeira instância apresenta estudos tradicionais de interação humana e elucida que os relacionamentos envolvem ações, eventos e comportamentos para a criação, manutenção ou término das relações e não podem ser vistas apenas no contexto físico, há de se levar em conta o contexto social. Em segunda instância o autor faz proposições acerca das interatividades em ambientes informáticos e aponta que é preciso fazer uma distinção entre o que é interativo e o que é reativo “[...] um sistema interativo deveria dar total autonomia ao espectador (parece que esse não seria o melhor termo para ser usado no caso da televisão interativa), enquanto os sistemas reativos trabalhariam com uma gama pré-determinada de escolhas.” (PRIMO, 2000, p. 6).

Esse sistema de interatividade informático dialoga perfeitamente com o ambiente colaborativo e participativo propiciado pela Web 2.0, que enquanto plataforma permite inúmeras possibilidades de ações e interações. Esta pode ser entendida como “[...] um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro.” (OREILLY, 2005, p.2). A alusão ao sistema solar dita pelo autor representa o manancial de sites e por conseguintes opções disponíveis e o poder de conectar indivíduos independente da sua localização geográfica.

Essa plataforma tem potencial de tornar as pessoas em agentes intercomunicadores.

[...] tal termo nos chama a atenção para o fato de que os envolvidos na relação interativa são agentes, isto é, ativos enquanto se comunicam. E se comunicação pressupõe troca, comunhão, uma relação entre os comunicadores ativos é estabelecida com possibilidade de verdadeiro diálogo, não restrito a uma pequena gama de possibilidades reativas planejadas a priori. (PRIMO, 2000, p. 6)

Verifica-se um ambiente com possibilidades de trocas baseado em uma arquitetura de participação com indivíduos ativos conectados em diversos dispositivos.

A web surge como uma plataforma potencializadora, ao passo que a internet é a estrutura física de rede de computadores que a viabiliza.

Blattmann e Silva (2007, p. 192), afirmam que “a web 2.0 “[...] possibilita a criação de espaços cada vez mais interativos, nos quais os usuários possam modificar conteúdos e criar novos ambientes hipertextuais.”.

Primo (2007) define a web 2.0 como sendo a segunda geração da web, e esta nova geração traz consigo uma abordagem mais mercadológica de produtos e serviços, que

potencializam as práticas de produção, compartilhamento, organização e disseminação de informações no contexto digital.

3 MÍDIAS SOCIAIS

Uma das características predominantes de uma mídia social é a (retro) alimentação proporcionada por seus integrantes, que mantém a rede viva por meio de suas atividades. Torna-se possível por meio delas, interações sócio virtuais, onde os usuários reúnem-se a partir de interesses em comum e estabelecem uma rede de troca de informações.

As mídias sociais permitem que os indivíduos nesses espaços sejam agentes propulsores de suas próprias ações, rompendo uma lógica tradicional de passividade, na qual esse mesmo público era apenas consumidor de conteúdo.

De modo a proporcionar uma melhor compreensão, julga-se necessário estabelecer a distinção entre os termos “mídias sociais” e “redes sociais”, pois entende-se que as redes sociais “existem desde os primórdios da humanidade em que os homens das cavernas mantinham redes sociais ao interagirem e se unirem para caçar, ou para estabelecer sua segurança” (FERRARI; ASSIS, 2017, p.8). Dito isto, emprega-se nesse trabalho o termo mídias sociais, compreendo esta como sendo uma ferramenta utilizada para o contato e ligação entre pessoas na internet.

Podemos definir a mídia social como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na web com fins de compartilhamento de opiniões, idéias, experiências e perspectivas. São consideradas mídias sociais os textos, imagens, áudio e vídeo em blogs, microblogs, quadro de mensagens, podcasts, wikis, vlogs e afins que permitem a interação entre os usuários. Compartilhamento de conteúdos e travamento de diálogos/conversações são os grandes pilares das mídias sociais. Interesses afins e similaridades temáticas norteiam a formação de redes estruturadas de usuários no ciberespaço. Estas redes se pautam, incentivam e estimulam a ação coletiva de seus membros via ferramentas como Orkut, Blogs, Twitter, Facebook, MySpace, entre outros (TERRA, 2011, p.2).

Elas possibilitam a criação e o compartilhamento de conteúdo colaborativo, nos mais diversos formatos. Recuero (2008, sem paginação) afirma que: “Mídia social, assim, é social porque permite a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores. Ela é diferente porque permite essas ações de forma individual e numa escala enorme”.

Possibilitam também articulações políticas e sociais. Sobre o viés social “a tecnologia somente favorece as mobilizações se o seu uso for atrelado à luta social mais ampla, ou seja,

relacionadas às organizações de base popular, comunidades, movimentos sociais etc. – extra ciberespaço ou existentes nele” (PERUZZO, 2013, p.11)

Além disso possuem um grande potencial de difusão, acesso e troca de informações, por meio das interações sócio virtuais ali estabelecidas.

Todos os tipos de ambientes comunicacionais na rede se constituem em formas culturais e socializadoras do ciberespaço naquilo que vem sendo chamado de comunidades virtuais, isto é grupo de pessoas globalmente conectadas na base de interesses e afinidades, em lugar de conexões acidentais ou geográficas. (RHEINGOLD, 1993 apud SANTAELLA, 2003).

Compreende-se a partir do exposto que o ciberespaço é um novo espaço de sociabilidade, o novo nessa colocação pode ser entendido como uma reelaboração das práticas existentes. Ao encontro dessa afirmativa temos o enunciado de Aquino

A internet, a web e as tecnologias digitais de comunicação, dessa forma, foram responsáveis por potencializar práticas anteriormente existentes, facilitando atividades e contribuindo para alterações nos comportamentos dos indivíduos mas não foram pioneiras em misturar elementos e linguagens de comunicação. Tais misturas iniciaram antes da configuração desse presente cenário digital, e o que mudou, e vem mudando, são os comportamentos dos indivíduos em torno dos conteúdos midiáticos. (AQUINO, 2012, p. 24).

Dentro desse contexto apontado por Aquino, existe uma linha tênue nas relações entre quem produz e quem consome a informação nas mídias sociais, uma vez que esse fenômeno comunicacional de intercomunicação mudou a forma como os usuários interagem com as pessoas físicas e as jurídicas (empresas), assegurando que várias pessoas pudessem debater um assunto em comum sob várias óticas e ao mesmo tempo. Marteleto (2001, p.72), afirma que as mídias representam “(...) um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”, o que de certa forma, tirou a hegemonia dos grandes veículos de informação como jornais e revistas, tendo estes agora que competir com comunicadores populares, embora não tenha sido somente esse segmento que se viu obrigado a mudar suas práticas, se reinventar, mas também em outros setores, que tiveram que rever a forma como lidavam com seus clientes/consumidores.

Hoje o usuário é produtor de conteúdo, isso implica dizer que uma pessoa, portando apenas um *smartphone*, consegue fazer avaliações de lugares; capturar o que está ao seu redor e com isso transmitir aos demais que estão na sua rede; realizar *check in* informando aos amigos o local em que está, dentre outros, ou seja, não há limites entre a produção e a disseminação da informação.

Ora, é apenas por conta desta mediação específica que é possível a um ator ter, por exemplo, centenas ou, até mesmo milhares de conexões, que são

mantidas apenas com o auxílio das ferramentas técnicas. Assim as redes sociais na internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes offline, com um potencial de informação que está presente nessas conexões. (RECUERO, 2009, p. 3).

Denota-se que essas interações só acontecem devido a sua especificidade: dependência de um sistema online e isso acontece porque

permite que esses grupos estejam permanentemente conectados nos sites de redes sociais, que essas informações vão espalhar-se e potencialmente criar mobilizações nesses grupos. Entretanto, [...] é preciso discutir como e por que as informações são difundidas nesses grupos. (RECUERO, 2009, p. 6).

As informações podem ser difundidas devido a distintos fatores, sendo um deles a identificação com o conteúdo – método pelo o qual os indivíduos se reconhecem por meio das postagens – e, a partir disso, compartilham com a sua rede.

Ainda sobre os aspectos das mídias, Terra nos chama atenção para o fato de que “a mídia social tem como características o formato de conversação e não de monólogo; procura facilitar a discussão bidirecional e evitar a moderação e a censura” (TERRA, 2011, p.2). Assim sendo os integrantes dessas mídias tem nesse espaço um local de fala para suas questões, sejam elas profissionais, acadêmicas, curiosidades ou até mesmo ajuda em uma determinada circunstância.

4 FAVELA

O que é a favela? O que é difundido e o que está no imaginário social dos indivíduos ao se referirem às favelas? O que dizem sobre os seus moradores?

A presença da favela no cenário urbano já se estende por um século, sendo uma história marcada por conflitos, preconceitos e estigmas, resistências e vitalidade. É remontar a própria história do Rio de Janeiro na República, entrecortada por interesses e problemas locais profundos, em decorrência de inúmeras tentativas dos republicanos e dos teóricos do embranquecimento, com vistas a torná-la uma cidade européia.

A derrubada dos cortiços fez com que a população migrasse para os morros e outras áreas vazias da capital e uma vez ocupados, cresciam de forma desorganizada, a contragosto das autoridades que queriam realizar uma “limpeza social”, de modo a retirar essas pessoas dos morros; o que não surtiu efeito. Esses lugares começaram a serem vistos como áreas de abandono, sem água, luz e saneamento básico e de difícil acesso e controle das autoridades policiais. Todos esses problemas acrescidos do descaso do poder público, resultaram na ideia de um local marginalizado, o que perdura até os dias atuais. (ZALUAR; ALVITO, 2003).

Tem-se no imaginário de grande parte da população que as favelas são territórios que contrapõem o que se imagina de uma cidade, o que implica dizer que tal pensamento, possui interferência sobre a dinâmica existente nesses espaços, “pois com frequência o papel do Estado é legitimado pelo senso comum, o que reforça as incursões policiais e uma atuação diferenciada dos territórios da cidade.” (FRANCO, 2014, p. 62). Ao encontro da afirmativa, temos o pensamento de Alba Zaluar e Marcos Alvito, sobre a representação das favelas no decorrer do século:

a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário rio urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR, ALVITO, 2003, p. 14)

Franco (2014) critica a ausência do Estado nas favelas, de acordo com a autora, as ações, quando realizadas, são muito mais de cunho mercadológico que sociais, e que devido a negligência e abandono desses territórios, não conseguem coibir os grupos criminosos armados – o tráfico ou as milícias – e dessa forma, o poder paralelo impõe a sua própria ordem.

A autora nos leva a refletir sobre a conceituação desses territórios pelas entidades governamentais, que no censo de 1999 a 2000, foram denominados pelo IBGE como

“aglomerados subnormais” (IBGE, 2010). Recai sobre esses territórios um estigma social, que associa os moradores dessas localidades com o tráfico local. Tentando contribuir com a desestigmatização socioespacial desses lugares, Marielle traz dados estatísticos extraídos do IBGE do censo de 2000, onde aponta que apenas 1% dos moradores possuem algum tipo de vínculo com o tráfico, o que representa um contingente efetivamente ínfimo comparado com a sua totalidade.

A favela também é um espaço de resistência política, pois “em seu seio, forma-se um conjunto de movimentos sociais e instituições do terceiro setor que movimentam milhares de moradores, seja em torno de projetos educacionais, culturais, políticos, esportivos ou outros, seja em torno de ações políticas reivindicatórias” (FRANCO, 2014, p. 61). Ou seja,

Mesmo marcada por níveis elevados de subemprego e de informalidade nas relações de trabalho, baixo grau de soberania frente ao conjunto da cidade, fraco investimento social e outros problemas da mesma ordem, a favela acaba por apresentar uma vida, ações e perspectivas que a colocam, em determinados momentos ou circunstâncias, como um dos protagonistas no desenvolvimento da própria cidade. (FRANCO, 2014, p.61)

Com vistas a enriquecer o debate do ponto de vista de conceituação acerca das favelas, coloca-se em destaque uma definição ampla, que dialoga com a dimensão social, coletiva e crítica do trabalho:

O Observatório de Favelas apresenta uma Declaração própria, com o objetivo de contribuir para a formulação de um conceito de favela que abrigue a complexidade e a diversidade desse território no espaço urbano contemporâneo.

1. Considerando o perfil sociopolítico, a favela é um território onde a incompletude de políticas e de ações do Estado se fazem historicamente recorrentes... Portanto, territórios sem garantias de efetivação de direitos sociais.
2. Considerando o perfil socioeconômico, a favela é um território onde os investimentos do mercado formal são precários, principalmente o imobiliário, o financeiro e o de serviços. Predominam as relações informais de geração de trabalho e renda, com elevadas taxas de subemprego e desemprego, quando comparadas aos demais bairros da cidade. Há distâncias entre as condições presentes na cidade como um todo.
3. Considerando o perfil sócio e urbanístico, a favela é um território de edificações predominantemente caracterizadas pela verticalização e autoconstrução, sem obediência aos padrões urbanos normativos do Estado. A apropriação social do território é configurada especialmente para fins de moradia. A favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização brasileira e, ao mesmo tempo, a luta de cidadãos pelo legítimo direito de habitar a cidade.

4. Considerando o perfil sociocultural, a favela é um território de expressiva presença de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com região brasileira, configurando identidades plurais no plano da existência material e simbólica. As diferentes manifestações culturais, artísticas e de lazer na favela possuem um forte caráter de convivência social, com acentuado uso de espaços comuns, definindo uma experiência de sociabilidade diversa do conjunto da cidade. Superando os estigmas de territórios violentos e miseráveis, a favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas. (SILVA, et al., 2009, p.96-97)

4.1 ESTIMATIVA DE CRESCIMENTO DAS FAVELAS ENTRE 2000 E 2010

De acordo com Cavallieri e Vial, do Instituto Pereira Passos (IPP) (2012) sobre o IBGE (2010) em relação à temática de aglomerados subnormais:

Eles correspondiam a 6% (11,4 milhões) da população brasileira, distribuídos por apenas 323 municípios (6% do número total). Quase a metade desse contingente estava no Sudeste, com destaque para os Estados de São Paulo (2,7 milhões) e do Rio de Janeiro (2,0 milhões). O Pará, com 1,2 milhões de moradores em AGSN, tinha a terceira maior quantidade, embora sua população fosse apenas a nona maior do país. (CAVALLIERI; VIAL, 2012, p.2)

Os dados indicam que as favelas cresceram vertiginosamente ao longo desse período. De acordo com os autores do IPP: Entre 2000 e 2010, a população do Rio, passou de 5.857.994 para 6.320.446 habitantes, representando um crescimento total de 8%. Ao passo que as favelas expandiram a uma taxa de 19%, onde a população considerada não favela cresceu 5% (TABELA 1).

Tabela 1 - Estimativa da variação da população moradora em favela e não-favela, por Áreas de Planejamento - Município do Rio de Janeiro - 2000 e 2010

Áreas de Planejamento	Variação % da população 2000 - 2010	
	Favela	Não Favela
Total	19%	5%
Ap 1 - Central	28%	4%
Ap 2 - Zona Sul	15%	-1%
Ap 3 - Zona Norte	11%	-1%
Ap 4 - Barra/Jacarepaguá	53%	28%
Ap 5 - Zona Oeste	15%	8%

Fonte: Cavallieri e Vial: Estimativa IPP (2012) sobre IBGE Censo 2010.

Os autores do IPP atribuíram que a expansão das favelas não está somente na distribuição geográfica, mas também na quantidade de empregos atrativos que são criados para moradores daquela região. Com isso, denota-se que a região da Barra/Jacarepaguá houve um crescimento notável da sua população favelada (53% em dez anos), bem como a população não favelada (28%). Na tabela a seguir serão apresentadas as maiores favelas do Município do Rio de Janeiro.

Tabela 2 - Dez maiores favelas do município do Rio de Janeiro

Favelas	Regiões Administrativas	Áreas de Planejamento	População IPP 2010
Rocinha	Rocinha	2	69.161
Complexo da Maré	Complexo da Maré	3	64.094
Complexo de Rio das Pedras	Jacarepaguá	4	63.484
Complexo do Alemão	Complexo do Alemão	3	60.583
Complexo da Fazenda Coqueiro	Bangu	5	45.415
Complexo da Penha (Vila Cruzeiro)	Penha	3	36.862
Complexo do Jacarezinho	Jacarezinho	3	34.603
Complexo de Acari	Pavuna	3	21.999
Complexo de Vigário/ Lucas	Vigário Geral	3	20.570
Complexo do Bairro da Pedreira	Pavuna	3	20.515

Fonte: Cavallieri e Vial: Estimativa IPP (2012) sobre IBGE Censo 2010.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção tem como propósito apresentar os aspectos metodológicos que guiaram o percurso do trabalho, a começar da formulação do problema de pesquisa até a sua devida resolução. Dito isto, esta pesquisa enquadra-se como exploratória e descritiva, de modo a compreender e investigar o campo empírico escolhido, com dados mais recentes disponíveis

Por se compreender a favela como um espaço pouco explorado, no que tange a estudos que abarcam as necessidades informacionais e comunicacionais dos que ali estão, o propósito presente é desenvolver novos conhecimentos e olhares acerca desses espaços, que são plurais por natureza, a partir da análise das interações desses indivíduos provenientes do contexto digital, associado ao processo gradual de emancipação social; a produção de conteúdo e a disseminação da informação, com viés quantitativo e qualitativo, com predominância do viés qualitativo

Na abordagem qualitativa o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos na qual se propõe a estudar, bem como analisa as ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social. Estes indivíduos podem ser interpretados segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Com relação à abordagem dos objetivos propostos, entende-se que este estudo apresenta um caráter exploratório que segundo Gil (2008, p. 43) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”. Posto isso, busca-se obter familiaridade com a temática proposta, bem como contribuir para futuros trabalhos que possam a ser desenvolvidos.

5.1 TÉCNICAS DE COLETA E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Como técnica de coleta de dados optou-se por uma pesquisa de campo, que segundo Gil (2008) estuda-se um grupo ou comunidade pelo prisma das interações constituídas entre os seus membros e com o auxílio da Netnografia, para a prospecção, observação e monitoramento das comunicações. Segundo Kozinets (2002 apud ASSIS, 2011, p. 29), a “Netnografia é um método de pesquisa qualitativa adaptado da Etnografia, e por isso, se volta para o estudo de culturas e comunidades que emergem da comunicação mediada por computadores.”.

A partir do exposto, considera-se o Facebook como plataforma possibilitadora das interações aqui analisadas, sendo assim, constituindo-se como fonte crucial para a coleta de dados, o que assegura a concretização do estudo proposto.

Tem como campo de pesquisa a página de coletivos de favela no facebook, tendo como recorte as do Rio de Janeiro, sabendo-se ainda a numerosidade de favelas existentes no estado, optou-se por trabalhar com três dos sete maiores complexos do município do Rio de Janeiro (Coletivo Maré Vive, Coletivo Papo Reto; Coletivo Fala Akari)

Haja vista que a composição do objeto de estudo ser caracterizado por um fenômeno observável, concebido a partir das relações firmadas entre os utilizadores, optou-se pela técnica de análise de conteúdo, que permite aclarar o teor das mensagens para além do próprio texto, apresentando seus significados, ainda que não diretamente explícitos. Isto contribui para uma maior compreensão e interpretação dos dados coletados, englobando suas múltiplas representações, por intermédio de ações comunicativas, exteriorizadas na linguagem escrita e imagética.

Quanto a coleta de dados examinados, utilizou-se o mecanismo de pesquisa disponível no próprio Facebook e a medida que as postagens foram recuperadas, utilizou-se o software Paint para captura e armazenamento do conteúdo das imagens equivalente a cada uma delas. O procedimento é justificado pela natureza efêmera das informações no ambiente digital, podendo estas não estarem mais disponíveis numa fração de segundos. Desta forma, garantiu-se a preservação dos registros efetuados, e que poderia acabar sendo excluído antes de uma análise.

Foram analisadas diferentes postagens contidas nessas páginas, sendo escolhidas para o trabalho, por meio de observação não participante, caracterizado pelo “[...] não envolvimento do observador com o contexto a ser observado, isto é, ele realiza suas observações a distância, sem participar como membro da situação.” (MOURA; FERREIRA, 2005, p. 56), as que forneciam subsídios para a confecção do trabalho a partir de dois eixos centrais:

Social: postagens cujo foco fosse a evidenciação de problemas inerentes à própria favela, como ocupações militares, questões de saúde e educação, bem como problemas que atingissem comunidades no entorno.

Cultural: divulgação de atividades artísticas de indivíduos e/ou grupos pertencentes ou não da favela; registro imagético de ações nos espaços de convivência; dentre outros.

Em ambos os eixos foram considerados as interações entre as páginas e seus atores, por meio de comentários, para que pudesse avaliar o engajamento político/social/humorístico

das postagens e pelos compartilhamentos, de modo a se ter noção numérica do alcance da referida postagem.

5.2 O FACEBOOK ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA

O Facebook tem como propósito ajudar você “a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida” (FACEBOOK 1, 2018, não paginado). O ambiente proporcionado por ele permite que haja uma forte produção, troca e compartilhamento de informações entre os usuários cadastrados. É possível verificar uma heterogeneidade de público, o que reflete na diversidade de conteúdo encontrado na plataforma.

As mídias sociais vem ocupando um espaço preponderante na vida das pessoas e conforme o passar dos anos, elas vem evoluindo para atender as demandas de seus usuários, que hoje clamam por um ambiente que seja ao mesmo tempo seguro, preparado para lidar com as questões inerentes à segurança da informação, assim como participativo, ou seja, um local em que é capaz de compartilhar com uma ou mais mídias, tais como *Instagram* e *Youtube*; conversar e jogar ao mesmo tempo com os amigos; interação com páginas, sejam elas de pessoas físicas, jurídicas ou artísticas.

Ao curtir uma página, cria-se um laço com ela, tornando esta em um canal para receber e em alguns casos, trocar informações, como o caso das páginas analisadas nesse estudo. Analisando as camadas relacionais existentes no Facebook, é possível depreender algumas questões: cada ator, seja ele um usuário, uma página ou grupo, pode ser descrito como um nó, e as interações/ações (comentários, curtidas e compartilhamentos) são suas arestas.

Dados coletados durante a Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, apresentam como indicadores que 83% dos brasileiros com acesso à internet em casa, possuem conta no site. Isto faz da plataforma um grande palco de interações sócio virtuais a serem monitorados.

Concebido em 2004 por Mark Zuckerberg e por seus amigos de faculdade, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos na época da Universidade de Harvard, o Facebook possui diversas funcionalidades que visam proporcionar aos seus usuários uma experiência ao mesmo tempo individualizada, com filtros e configurações de perfil que restringem quem e quais pessoas terão acesso a alguns de seus dados, como experiências coletivas, por meio de reações em postagens; compartilhamento de conteúdos, marcação de

um ou mais amigos em uma publicação. Paulatinamente se consolida como uma ferramenta comunicacional que tenta, por meio de inovações na plataforma, se assemelhar às dinâmicas que ocorrem no ambiente fora da internet e nesse contexto assume um papel de interface entre seus usuários e a rede mundial de computadores, permitindo-nos superar a barreira física e intransponível de celulares e microcomputadores, que antes dos adventos tecnológicos eram fechados em si, com funções e recursos limitados quando comparados ao cenário atual.

No cotidiano os diálogos são construídos a partir das interações entre sujeitos, por meio de códigos e sinais. A linguagem é a capacidade humana de se comunicar mediante a um sistema de signos vocais (língua) que atua como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade linguística. No bojo de uma mesma língua há dois modos diferentes de comunicação, dotados cada um de sistema próprio: a língua escrita e a língua falada que são utilizadas conforme o contexto em que estão inseridas.

Estudiosos da linguística são categóricos ao afirmar que a língua é viva, o que nos permite dizer, que ela está em constante evolução, tal como o emprego do pronome você, o qual é a forma evoluída do pronome de tratamento vossa mercê, que passou por várias alterações até chegar a forma como conhecemos hoje: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* e quem sabe no futuro, talvez não tão distante “cê”.

O ambiente virtual como espaço conversacional é caracterizado por linguagens específicas que transpõe a língua conforme conhecemos, são ressignificações legítimas das interações particulares desse local, às vezes com frases cheias de abreviações e palavras escritas erradas de propósito, o que preocupa alguns estudiosos, embora seja válido o questionamento acerca das implicabilidades da utilização da linguagem escrita de forma errada no ambiente virtual, não será abordada esta dimensão no trabalho. A exemplo disso temos uma série de adaptações ao meio virtual como: as onomatopéias; os recursos imagéticos como os *emoticons* e videográficos como *gif* (Graphics Interchange Format ou formato de intercâmbio de gráficos); escrever em caixa alta, o *caps lock*, para chamar atenção de algo ou indicar que está gritando; uso de *hashtags* que são uma espécie de palavras-chave ou termos associados a uma informação que se quer representar.

O Facebook disponibiliza aos usuários da sua plataforma funcionalidades que possibilitam conversar com amigos, conceber grupos com interesses afins, criar eventos, divulgar e compartilhar conteúdo. Para tanto, é preciso que se crie uma conta/perfil para fazer uso das ferramentas, e a partir disso se conectar com pessoas e instituições de interesse. A conexão com outro perfil é denominada de “amigo”. Há perfis que são institucionais, sendo intituladas como “páginas” e grupos que podem ser de cunho público, com informações

visíveis a qualquer um que esteja no Facebook ou de cunho privado, com informações restritas aos que estão no grupo.

Por intermédio do *feed* de notícias, no Facebook, o utilizador toma conhecimento do se que passa na sua rede de amigos e das páginas que porventura esteja conectado, podendo então interagir com esses atores. Os algoritmos da plataforma registram as interações por meio das opções curtir, comentar e compartilhar, e a partir da intensidade desse contato, são mostradas ou não o conteúdo proveniente das suas conexões, o que torna única para cada usuário a vivência na plataforma.

Recuero (2014) ao explorar os recursos conversacionais das ferramentas curtir, compartilhar e comentar no Facebook e como os usuários apropriam simbolicamente esses botões, indica que há um determinado padrão de comportamento seguido pelos usuários e os coloca à luz para elucidação:

O botão “**curtir**” foi apontado como uma forma de fazer parte de uma conversa sem necessariamente haver a obrigação de colocar a sua opinião sobre o assunto que está em voga. Desta forma, torna-se, portanto, visível a participação desse usuário que curtiu o conteúdo, podendo este não o ter lido por completo. O ato de curtir uma publicação funciona como uma espécie de chancela daquilo que foi publicado e ao fazer isso, o usuário tem seu perfil vinculado à postagem, sendo possível ser visualizado por todos que fazem parte da sua rede de contatos, tanto quanto para as conexões de quem publicou o conteúdo, que podem ser provenientes de páginas seguidas, tal ato colabora para a difusão do tema, da mesma maneira que sugere anuência ao conteúdo publicado.

Segundo a autora, o botão “**compartilhar**” tem como função dar visibilidade e amplificação da mensagem que os usuários desejam repassar para aqueles que estão na sua rede de amigos. Há duas dimensões que podem ser consideradas ao compartilhar um conteúdo, a dimensão da concordância, seja total ou parcial daquilo que está compartilhando; a dimensão crítica, onde o usuário ao compartilhar com seus amigos, tece comentários contra o que foi proposto originalmente.

Em relação ao botão “**comentar**” a autora salienta que é a evidenciação prática das atividades conversacionais onde o usuário deixa claro o que pensa a respeito do que é proposto pois “é uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversa” (RECUERO, 2014, p. 120).

Ainda existem reações que são outras formas de interação com a postagem e que representam alguns estados de humor. Existem cinco possibilidades de reações: “amei” onde há um coração vermelho, que representa o ato de ter gostado demasiadamente da publicação;

o “haha” representada por uma carinha feliz, que suscita alegria e graça do conteúdo; o “uau”, representado por uma carinha de espanto; e o “grr” representado por uma carinha de raiva. Tais reações podem ser utilizadas tanto na postagem, seja ela de um amigo ou uma página, quanto nos comentários advindos da publicação, dessa forma os usuários tem outras maneiras de expressar interesse ou desgosto por algo, embora haja um dado de subjetividade que nem sempre é podido ser aferido, uma vez que por exemplo, nas reações de raiva ou tristeza não fica claro se são direcionadas a notícia ou ao conteúdo em si.

6 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Maré vive é um canal de mídia comunitária, que busca falar e representar as vozes dos moradores do Complexo da Maré (Figura 1).

Figura 1 - Descrição da página Maré Vive



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

As notícias são desenvolvidas por meio da colaboração dos moradores, onde, estes interagem com a página enviando desde mensagens sobre invasão policial à divulgação de cursos e eventos.

Nossa fonte de informação são os próprios moradores, checamos os informes que chegam sempre com mais de uma fonte para desenvolver melhor a notícia através de outros pontos de vista e cruzamento de informações.

Mantemos as notícias constantemente sendo atualizadas, enquanto chegam informes e relatos, assim diminuimos os riscos de cometer erros ou publicar um algum dado equivocado. Sua contribuição é fundamental para que possamos levar as notícias de forma rápida e confiável.

Nossa política é de manter o anonimato das pessoas que colaboram com a página, não divulgamos o nome ou qualquer outro dado que possa identificar quem colaborou, a não ser que seja da vontade da própria pessoa de se identificar.

Somos um espaço plural e democrático, sempre aberto ao diálogo e com a disposição de crescer e evoluir sempre.

Achar que fazemos um trabalho leviano e irresponsável, é um erro. Estamos desenvolvendo uma atividade jornalística da mesma forma que qualquer outro jornal, revista ou TV faria, mas com a nossa visão, sob o ponto de vista da comunidade do Complexo da Maré.

É raro surgir um veículo de mídia disposto a mostrar o lado da favela e seus moradores, normalmente somos marginalizados e mostrados de forma negativa, mas aqui não!

Não temos nenhum posicionamento anti-exército, anti-polícia ou qualquer outro na hora de noticiar um fato.

Nosso posicionamento é sempre em favor dos moradores, esse sim é nosso lado e não temos problema nenhum em assumir isso. Maré Vive (FACEBOOK 2, 2018, sem paginação).

Abaixo (Figura 2) é possível ver mais algumas informações da página Maré Vive.

Figura 2 - Postagem e descrição da foto de perfil da página Maré Vive



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

Na figura acima se encontram os seguintes comentários:

Quadro 1 - Comentários na foto de perfil

Sujeito A: “Cresci junto a casa dela e quando passava mal era ela quem me baziava, eu como criança achava estranho aqueles galinhos de arruda irem murchando...”.
Sujeito B: “Ela era madrinha de casamento de minha mãe!”.
Sujeito C: “Joguei muita sinuca na vendinha dela... saudade do tempo bom do morro!”.

Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

A postagem realizada por um dos moderadores descreve a pessoa que está na foto de perfil da página. Trata-se de uma das primeiras moradoras do Complexo da Maré. Ao final do texto o moderador escreve “resistência sem perder as referências”. Depreende-se a partir disto, uma relação de pertencimento e relação de identificação, apoiando-se no passado para contextualizar e esclarecer as ações militantes atuais, localizando os seus leitores no tempo e

espaço, pois permite que aqueles que não a conhecem passem a conhecer, bem como possibilita resgatar uma memória afetiva para com a antiga moradora. Tal fato é perceptível em dois comentários a respeito da publicação “Ela era madrinha de casamento da minha mãe”; “Cresci junto a casa dela e quando passava mal era ela quem me benzia, eu como criança achava estranho aqueles galhinhos de arruda irem murchando”. A construção da identidade “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.” (POLLAK, 1992, p. 5).

Figura 3 - Divulgação de evento cultural da página Maré Vive



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

Essa postagem denota a dimensão cultural e social da página, que por meio de seus moderadores, divulga para todo e qualquer indivíduo interessado, atividades culturais no museu da Maré, espaço este de extrema importância para a favela, haja vista o potencial da instituição museológica em salvaguardar a memória local, oferecendo ao seu público atividades de interesse da comunidade. Tal evento em questão visa fomentar o debate acerca da educação em consonância com as pautas do movimento negro.

Destaca-se a importância de debates como estes, pois dão subsídios para que os indivíduos tomem consciência da realidade que o cerca, sobretudo, no fortalecimento de uma identidade negra, tendo-se em vista a pouca representatividade midiática das pessoas negras nos grandes veículos de comunicação.

Figura 4 - Destruição de barracas na Vila Kenedy – parte 1



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

Essa postagem inicia-se com um enunciado bastante simples, o que denota uma relação de proximidade para com o seu leitor, diferentemente de outras formas de comunicação que utilizam linguagem mais formal e em casos específicos, bastante rebuscada. Logo em seguida, a página exerce a sua função social ao manifestar a indignação com a Prefeitura do Rio de Janeiro, que por meio de seus agentes entraram na favela da Vila Kennedy, zona oeste do Rio e derrubaram sem aviso prévio barracas de ambulantes, retirando conforme dito na página “o ganha pão” das pessoas, expressão esta utilizada para referir-se ao modo de trabalho dessas pessoas.

Figura 5 - Destruição de barracas na Vila Kenedy – parte 2



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

É possível perceber nessa postagem, que é continuação da anterior, usuários relatando tiros em suas respectivas regiões, um deles questiona “é operação?”; a página responde que estão averiguando, denotando o seu papel de veículo investigativo, preocupado em oferecer informações verificadas. Por meio dessas denúncias e indagações o coletivo aciona a sua rede de contatos e confirma ou não a veracidade das informações prestadas.

Outro ponto a ser dado a devida atenção nessa postagem é a resposta da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio de sua assessoria de imprensa, responde com o seu perfil oficial no Facebook à página do coletivo Maré Vive. Em nota, eles informam que os comerciantes que tiveram as suas barracas destruídas, entrarão em um cadastro para receberem futuramente, subsídios econômicos para a reconstrução, dessa vez regularizada, dos seus locais de trabalho.

Com isto, pode-se ter uma noção do alcance que uma página pode alcançar nessa mídia social e como os discursos podem ser potencializados com a ajuda de seus parceiros.

Figura 6 - Foto Antiga do Morro da Maré



Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

Quadro 2 - Comentários na postagem da foto antiga da Maré

<p>Sujeito A: Nasci aqui há 55 anos de parteira, em casa. Lembro de tomar banho na baía de Guanabara onde hoje é o pontilhão. Água limpa. O Bica onde hoje é o museu da maré era usada pelos moradores para lavar roupas já que a água</p>	<p>Sujeito B: Lembro-me quando cheguei aqui com meus filhos no ano de 1970 conheço bem, mas são coisas do passado. Hoje isso ai serve pra eu valorizar o que eu conquistei, com lutas e lutas vindas do passado de muito trabalho . Eu morava na rua das Américas, hoje moro na São Luiz, ao</p>
--	--

<p>aqui era bem escassa. Eu ia com minha mãe e brincava muito. Muitos morcegos que tinha na pedreira. A noite ouvíamos o barulho deles. Conheci muitas pessoas que moravam nas palafitas. Os barracos eram grandes, limpos, encerados. Na praça do 18 era um chiqueiro enorme em cima de palafitas. Gente! É muita história para contar. Tive uma infância pobre, mas feliz.</p>	<p>lado de todos os meus filhos maravilhosos ,minha história é grande, gente como eu era feliz!</p>
<p>Sujeito C: Galpão luar do café</p>	<p>Sujeito D: Infância inesquecível tenho histórias pra contar isso porque vivi na palafitas só nove anos (Sou cria da maré sim com muito orgulho e agradeço a mulher que sou hoje</p>

Fonte: Facebook/Maré Vive (2018).

Postagem que remonta a um período histórico da favela da Maré, o registro fotográfico é acompanhado de uma legenda feita pela moderação da página, que faz uso da contextualização para associar ao registro imagético à identidade e resistência (política e social) dos favelados do passado com os do presente. Para tanto, utiliza-se da memória afetiva do autor da postagem, evidenciada pelo saudosismo manifestado no trecho “lembro-me do tempo que já aterrado, morava num duplex. Barraco arrumadinho com chão de cera vermelha”, desta maneira confere não só validade, pois o interlocutor experienciou momentos análogos aos da fotografia como cria um “laço” com possíveis moradores da mesma época, além de informar aqueles que não eram nascidos em tais momentos, o que contribui para o fortalecimento da memória coletiva da favela.

Embora a pobreza seja evidente por meio do registro fotográfico, isto posto pelas próprias condições precárias de moradia presentes na foto, tal como as casas de madeira à beira da água, é possível suscitar um grau de felicidade, evidenciado pelas crianças brincando, jogando futebol. Isso pode ser confirmado com os comentários deixados na postagem em questão, onde alguns sujeitos relembram com alegria de períodos iguais ou similares.

Figura 7 - Página inicial do Coletivo Papo Reto



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

O coletivo papo reto é veículo de comunicação independente, formado por jovens moradores dos Complexos do Alemão e da Penha, tem como foco:

Propagar notícias dentro do morro: eventos, protestos, reivindicações... E também atua como um canal que mostra a realidade da Favela, tendo forte importância na “mídia de guerrilha” em tempos de guerra e na provocação reflexiva do “até onde é verdade o que diz a grande mídia?”

Muito do que acontece no território passa pelas lentes do Coletivo, que busca fazer uma cobertura diferente da mídia corporativa, ou seja, aqui se aplica o “do favelado para a própria favela”, resumindo: Nós por Nós.

Se aproximando de redes já existentes e alternativas, O PAPO RETO nasce em 2014, embalado pelos protestos no Complexo do Alemão e pela não aceitação da forma como essa “grande mídia”, Governo e Secretaria de Segurança criminalizavam movimentos sociais, principalmente os de favela, associando manifestantes com bandidos e manifestação na favela como ação de quadrilhas.

O Nós por Nós é um simples e forte esquema de segurança de ativistas e moradores em dias de guerra a partir do diálogo e troca de informações.

Hoje o coletivo mantém uma rede com moradores de todo o Complexo do Alemão e estão em contato com outros 24h por dia

Assim surge o veículo de Comunicação Independente PAPO RETO, pondo em prática o Nós por Nós! Coletivo Papo Reto (FACEBOOK 3, 2018, sem paginação).

Figura 8 - Divulgação do evento Slam Laje, batalha de poesia



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

Fundado por artistas da região, o Slam Laje busca incentivar a poesia e a literatura marginal, ocupando a laje da Casa Brota, no Complexo do Alemão. São três rodadas onde o poeta deverá ter três poesias, de até três minutos, diferentes, para ganhar a final. São atribuídas cinco notas pelos jurados. O concurso possui duas fases:

Primeira fase - todos expõem sua poesia, ao final os jurados dão a nota. Os cinco melhores passam para a próxima fase.

Segunda fase - Os cinco classificados expõem uma poesia diferente da primeira fase e os jurados dão a nota. Os três melhores passam para a fase final.

Final: Os três classificados expõem sua poesia, diferente da primeira e segunda fase, os jurados dão a nota. A melhor performance está classificada para a final do Slam Laje, com todos os vencedores do ano.

Esse evento surge da necessidade dos moradores de ecoar suas vozes, em uma espécie de ressignificação da arte, rompendo a barreira do erudito, onde somente as classes mais privilegiadas tem acesso. Por meio das performances são expressas críticas sociais; suas vivências enquanto indivíduos que tem seus direitos cerceados pelo poderio do Estado, na truculência da ação de militares para com os favelados quando estão realizando incursões nas favelas.

Figura 9 - Apadrinhamento de crianças negras, para assistirem ao filme Pantera Negra



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

Postagem sobre ação social acerca do filme Black Panther, no idioma original e Pantera Negra no Brasil, solicitando a colaboração financeira das pessoas para levar os alunos para assistirem ao filme. Pantera Negra é um super-herói das histórias em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics (uma editora de quadrinhos estadunidense), cuja identidade secreta é a de T'Challa, rei de Wakanda, um reino fictício na África, onde 90% do elenco da produção cinematográfica é negra. Não sendo um filme de escravidão; muito menos sobre pobreza, na trama coloca-se em evidência o continente africano, este como sendo uma potência econômica e tecnológica, indo na contramão do que comumente é conhecido no mundo real sobre os países africanos. O filme despertou inúmeros debates acerca da representatividade negra nos veículos midiáticos e como ela é importante na formação de crianças e adultos, que se veem pouco representados nessas produções.

Esta ação contribui para que crianças tenham não só acesso ao cinema, como forma de entretenimento, o que para muitos não é palpável devido aos valores cobrados pelos ingressos, bem como permite a criança se ver representada por uma figura negra de forma positiva, por meio de heróis e heroínas que possuem as mesmas características físicas que eles, seja pela cor da pele, seja pelo cabelo.

Figura 10 - Bate papo entre moradores das favelas do Rio de Janeiro com ativista de Direito Humanos



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

Registro fotográfico de membros do Coletivo Papo Reto e outros moradores de favelas do Rio de Janeiro com o ativista de Direitos Humanos da Venezuela, em uma agenda de fortalecimento da luta por direitos: à vida, saúde, educação.

Percebe-se por meio desse registro que a informação e as atividades exercidas pela equipe da página extrapolaram os muros (simbólicos) da Favela, o que permitiu estabelecer conexões com atores sociais e entidades que podem somar na propagação das vozes faveladas. Desta forma é importante entender e estudar como a troca de informações pode contribuir para o empoderamento de grupos socialmente excluídos e marginalizados, sobretudo, no contexto de favelas, uma vez que a informação tem o poder de assumir um caráter emancipador, possibilitando ao indivíduo sair do estado de tutela.

Figura 11 - Entrevista com Moradora Empreendedora



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

A postagem aborda uma entrevista pela HuffPost Brasil, intitulada “a mina que prova que a periferia é dona do conhecimento” sobre uma mulher empreendedora, que remou contra as estatísticas e concebeu a Casa Brota que é gerenciada por Thamyra Thâmara, de 29 anos, e localizada alto do Complexo do Alemão. A casa, idealizada junto com um grupo de amigos, é uma espécie de co-working, com espaço para entretenimento, imersões de tecnologia, oficinas de inovação e até hospedagem, jornalista motivada pelo jornalismo comunitário e das fotografias de favela, e tornou mestra em Cultura e Territorialidades.

Focada em estimular novas possibilidades para jovens das favelas e periferias da cidade, e investir na formação deles. Seu projeto de vida é o GatoMÍDIA, uma alusão à expressão popular criada para definir as ligações clandestinas de luz, água, internet ou TV., mas o que Thamyra quer mesmo é estimular novas redes, através de comunicação e foco na "baixa tecnologia".

Figura 12 - Obra do teleférico, elefante branco



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

A postagem é iniciada em letras grandes com a rima “pega a visão de como se torrou tanto milhão para fazer geral de bobo e nenhuma solução”. Ao fazer uso dessa linguagem, o interlocutor chama a atenção dos seguidores da página para uma informação, a qual no caso critica o Estado pela realização de obras e a não finalização das mesmas.

O teleférico foi projetado para atender uma demanda local de transporte, para acessar as vias mais altas da favela, o que sem o empreendimento é difícil e oneroso aos moradores.

A utilização do teleférico em outras localidades implementadas, ultrapassou as barreiras da própria favela, pois, muitas pessoas passaram a utilizar o serviço, como uma espécie de ponto turístico, propiciado pela altura em que eles se encontram, bem como pela vista da cidade, uma vez que antes da implementação do teleférico só era possível sensação similar no Bondinho Pão de Açúcar, localizado na área dita como nobre do Rio de Janeiro.

Na fotografia é utilizado um recurso gráfico, na forma de um elefante na cor branca, para mostrar ao leitor a indignação com o descaso por parte das autoridades competentes, posto que além da mobilidade a instalação do teleférico geraria emprego (direto/indireto) para os locais. Ao fazer uso desse recurso imagético que é advindo de uma expressão popular, a página possibilita que o seu leitor passe por um processo de apropriação dessa expressão e a identifique em outros momentos, como por exemplo uma matéria jornalística.

Figura 13 - Página inicial do Coletivo Fala Akari



Fonte: Facebook/Coletivo Fala Akari (2018).

Página inicial do Coletivo Fala Akari, que representa os moradores do Complexo de Acari. A página possui até o momento dessa pesquisa 11.601 seguidores.

Em um primeiro momento, analisando a imagem do perfil, temos dois homens: um deles negro e o outro policial, este segundo abordando o primeiro, que parece estar ensanguentado.

Já no segundo momento, analisando a forma como foi escrita o nome da favela que nomeia a página, permite-nos suscitar que a troca da letra C pelo K, denota duplo sentido: o espaço que ela representa; a arma de calibre AK-47, representando o poderio bélico.

A página é alimentada por um grupo de

[...] moradores e militantes da Favela de Acari, organizados com o objetivo de realizar, disseminar e divulgar ações culturais e educacionais na nossa favela e denunciar todas as formas de opressões cometidas pelo estado em nosso território, inclusive através de seu braço armado. Coletivo Fala Akari (FACEBOOK 4, 2018, sem paginação).

Figura 14 - Audiência Pública na Favela de Acari



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

Quadro 3 - Comentários na postagem da audiênciapública da favela de Acari

<p>Sujeito A: Oi pessoal do Fala Akari, há duas semanas enviamos um convite. Não recebemos resposta ainda. Vamos discutir os resultados de uma pesquisa da Candido Mendes, sobre páginas do Facebook dedicadas à violência. Vocês têm interesse em participar?</p>	<p>Sujeito B: ola bom dia eu eu sou ativista de direitos humano vim pra europa com o intuito de sair do pais devido as perseguicao da policia militar ,civil.e federal,mais os mesmo veio atars de mim ,e no caso as autoridades daqui resolvel me perseguir me perseguir fui estropado na franca ,na chile e aqui na hoanda tento deixar esse pais mais nao tenho dinheiro ate agora a ansitia internacional da qui nao entra em contato e a corte de haya nao se pronuncia</p>
--	--

Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

A postagem do coletivo Fala Akari publiciza aos seus moradores e curtidores da página o balanço da audiência pública realizada no complexo de Acari com apoio da Associação dos Moradores. Isto posto, é possível inferir anuência da comunidade à página em questão, visto que o encontro foi fruto de uma ação conjunta entre o coletivo e a associação, em prol de um objetivo em comum: o direito à vida. Esse direito significa para eles uma luta travada com o Estado, representado por sua polícia, na busca incessante do fim do extermínio dessa população, que já não aguenta mais morrer em vão, perdendo seus filhos e entes queridos para a balada perdida, que apenas acha o corpo negro/favelado. Lutam também pelo direito de ir e vir, garantido pela Constituição Federal de 1988, que é a Lei fundamental e suprema do Brasil.

Destaca-se a participação de atores fora do contexto da favela nas postagens, onde uma delas convida o coletivo a participar de um evento dedicado à violência.

Na imagem é possível perceber os dados quantitativos trazidos à luz para debate, sobre as mortes decorrentes das incursões do 41º Batalhão de Polícia Militar, localizado no bairro de Irajá, próximo ao complexo. Os dados são colocados para a população como forma de proposto e publicização das atrocidades que ocorrem na localidade. Assim sendo, os moradores, possuem dados e informações acerca da realidade que os assola e mediante a isso podem ir em busca de melhorias no que tange à segurança pública.

Figura 15 - Postagem ensinando como filmar violência policial na favela



Fonte: Facebook/Coletivo Papo Reto (2018).

A postagem intitulada “saiba como registrar violência policial de forma segura” é acompanhada de uma imagem – que poderá ser vista na íntegra no ANEXO A – serve como um guia, enumerando nove passos para a efetivação do registro de forma segura e posterior divulgação. São orientações importantes para aqueles que irão se aventurar nessa empreitada.

É possível denotar a responsabilidade social da cartilha divulgada em vários trechos, como na dica número 1 em que é chamado a atenção para a segurança pessoal em primeiro lugar; o incentivo à busca de informações complementares, na dica de número 5 e a divulgação desse conteúdo a diante, informando aos outros sobre os acontecimentos, dica número 9.

Tais medidas contribuem para o exercício pleno da cidadania de indivíduos que são comumente silenciados por um sistema opressor que os usa e descarta como se nada fossem. Munidos de informações corretas, verificadas, pautadas dentro da legalidade, garante ao periférico uma forma de lutar contra as opressões que lhe são submetidas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como propósito buscar aporte teórico metodológico para entender como a produção colaborativa da informação no contexto da web 2.0 poderia contribuir para o empoderamento de grupos que são socialmente excluídos.

Isto posto, buscou-se mediante a uma abordagem descritiva e exploratória analisar o processo colaborativo de produção de informação, por meio de coletivos de favelas do Rio de Janeiro no Facebook. Esse ambiente propicia práticas dinâmicas de produção e compartilhamento de informações, que somados contribuem para o exercício plena da cidadania.

Pode-se observar que os coletivos exercem um papel social e contra hegemônico no ponto de vista das grandes veículos jornalísticos e televisivos ao captar, analisar e divulgar informações provenientes de moradores locais e no entorno sobre assuntos que atingem diretamente os que ali estão.

A informação se apresenta como elemento chave nesse processo de criação, apropriação e veiculação de conteúdo.

De acordo com as análises feitas ao longo do trabalho, é possível inferir que o empoderamento é um processo dotado de diversas facetas.

Nesse cenário se apresenta como um instrumento para lidar com diversas pautas sociais, tendo como essência oportunizar a autonomia social e intelectual do cidadão, bem como auxilia na conscientização individual e coletiva possibilitando enxergar como a estrutural social impacta em sua vida.

O propósito foi compreender como o empoderamento e a produção colaborativa da informação poderiam se relacionar e quais seriam os benefícios dessa junção. Acreditava-se que observar esse fenômeno, a partir de conversações contexto digital, permitiria uma melhor compreensão das dinâmicas que projetam as representações, pela naturalidade com que elas seriam construídas através das conversas informais entre os sujeitos que, em tese, partilham de uma mesma perspectiva.

Diante disto, as páginas em questão, permitem uma perspectiva aproximada do que acontece fora das redes sociais.

No caso dos sujeitos da pesquisa, representados pela análise das interações provenientes das páginas no Facebook, esse processo é constituído pelas ações coletivas de interação conversacional com os usuários da página, que fornecem dados para avaliação e posterior divulgação.

Esse ambiente baseado nas relações e interações amplificadas pela web 2.0, possibilita práticas dinâmicas de produção de conteúdos colaborativos a partir da mediação das tecnologias da informação e comunicação. Com isso, os saberes dos indivíduos entram um processo de sinergia, rumo a propósitos em comum.

O encontro desses saberes ocorre no ciberespaço, o qual não é apenas composto por tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é habitado pelos saberes e pelos indivíduos que os possuem.

O ciberespaço permite que os indivíduos mantenham-se interligados ainda que estejam locais geograficamente distintos. Ele desterritorializa os saberes e funciona como suporte ao desenvolvimento da inteligência coletiva.

Foi possível perceber que as páginas analisadas exercem um papel relevante de democratização da informação ao assumirem a posição de ser um canal jornalístico favelado contra hegemônico em relação aos grandes veículos midiáticos ao captar, analisar e divulgar informações provenientes de moradores locais e no entorno sobre assuntos que atingem diretamente os que ali estão, não sendo restritivos à divulgação de problemas da favela.

O Facebook além de ser uma mídia social também atua como fonte de informação ao contribuir para a construção coletiva do conhecimento, apesar da efemeridade que constitui o espaço digital.

No entanto, cabe destacar que as mudanças tecnológicas impactaram definitivamente a vida das pessoas no que tange às formas de comunicação que acabaram culminando na transposição dimensional dos processos de interação e comunicação com início do uso de tecnologia.

Isto posto, entende-se que não há mais como desconsiderar o ambiente digital enquanto campo empírico, ainda que ele apresente algumas limitações no que tange à representação fidedigna da vida real.

A informação possui um papel crucial na formação social e cultural dos indivíduos, assim como na garantia e efetivação de direitos, que por vezes são negados. Ela se apresenta como elemento chave nesse processo de criação, apropriação e veiculação de conteúdo.

Conclui-se que somente com o acesso à informação é possível formar pessoas críticas, argumentadoras e a procura de inquietações que possam ser respondidas, efetivando-a como ação emancipatória do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, M.C. Interatividade e participação em contexto de convergência midiática. In: RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcízio. (Org.). **Mídias Sociais: saberes e representações**. Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 11-30
- ASSIS, J. de. **Indicadores de qualidade da informação em sistemas baseados em Folksonomia: uma abordagem semiótica**. 2011. 209 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BLATTMANN, U.; SILVA, F. C. C. da. Colaboração e interação na web 2.0 e biblioteca 2.0. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 12, n. 2, p. 191-215, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530>>. Acesso em: 15 jun. 2017
- BRANCALEONE, C. Comunidade, Sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tonnies. **Revista de Ciências Sociais**, v.39, n.1, p. 98 – 104., 2008. Disponível em: <http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v39n2/rcs_v39n2a7.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.
- BRASIL: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília : Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- CAVALLIERI, F.; VIAL, A.. **Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. (Coleção Estudos Cariocas). Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudosariocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF> Acesso em: 30 maio 2018.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Documento não paginado. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- DICTIONARY Oxford english. Simpson: JA & Weiner; ESC, 1989.
- FERRARI, E.; ASSIS, J. A dimensão informacional da transição capilar: identidade e empoderamento nas mídias sociais. **REBECIN**, v.4, n.1, p.74-95, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/69/pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- FACEBOOK 1. **A se conectar e compartilhar com as pessoas...** Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com>> Acesso em: 15 abr. 2018.

_____2. Maré vive. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Marevive>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____3. Coletivo fala Akari. Disponível em: <<https://www.facebook.com/QuilomboAcari>> Acesso em: 17 abr. 2018.

_____4. Coletivo papo reto. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ColetivoPapoReto/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FOGL, J. Relation of the concepts Information and Knowledge. International Forum on Information and Documentation, **The Hague**, v. 4, n. 1, p. 21-24, 1979.

FRANCO, Marielle. **UPP–A redução da favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FRANCELIN, M. M.; PELLEGATTI, C. Filosofia da informação: reflexos e reflexões. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 123-132, maio/ago. 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 206 p.

GOHN, M.G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, 2004. ISSN 1984-0470. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/7113/8586>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

HOROCHOVSKI, R, R; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. **Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**, v. 2, p. 485-506, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

KLEBA, M.E; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n.4, p. 733-743, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Ireneu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCIAL, E.C et al. Epistemologia da ciência da informação: a presença do paradigma social de Capurro na literatura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--231.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

_____. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Universitária, 2002. p. 101-115.

_____. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/810>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

MISH, Frederick C. (Ed.). **Merriam-Webster's collegiate dictionary**. Merriam-Webster, 2004.

MESSIAS, L. C. da S. **Informação: um estudo exploratório do seu conceito em periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação**. 2005. 184f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

MOURA, M.L.S. de; FERREIRA, M.C. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

O'REILLY, T. O que é web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. Tradução Mirian Medeiros. **O'Reilly Media, Inc.**, 2005. Disponível em: <<https://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

PEREIRA, P. M.S; MORIGI, V.J. Estudos de usuários e de recepção: uma abordagem a partir da mediação dos conceitos de informação e comunicação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/113/155>>. Acesso em: 10 jun 2017.

PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.; KAPLÚN, G. (Orgs.). **Comunicación y movimientos populares: ¿cuales Redes?** São Leopoldo: UNISINOS, 2002. 359p.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Social movements, virtuais networks and alternative media in June when the giant awakened. **Matrizes**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.1-26, jul./dec., 2013.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revistas Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (Fundação Getúlio Vargas), v. 5, n. 10, p. 200-2015, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 1-14, jun. 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v. 9, p. 121, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

RIBAS, C; ZIVIANI, P. O profissional da informação: rumos e desafios para uma sociedade inclusiva. **Inf. & Soc.:** est., João Pessoa, v.17, n.3, p.47-57, set./dez. 2007.

RECUERO, R. **O que é mídia social?** Site, 2008. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html. Acesso em: 10 abr 2018.

_____. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>>. Acesso em 15 mar. 18.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/94UdVk>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

Shannon, C. E.; Weaver, W. **The Mathematical Theory of Communication**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1949.

SILVA, Jailson de Souza et al. **O que é favela afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

STOTZ, Eduardo Navarro; ARAUJO, José Wellington Gomes. Promoção da saúde e cultura política: a reconstrução do consenso. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 5-19, ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2018.

TEKO, Mano. **Gangster da Favela**. Rio de Janeiro, 2013. Música.

TERRA, C. F. O que as organizações precisam fazer para serem bem vistas nas mídias sociais sob a ótica da comunicação organizacional e das relações públicas. In: CONGRESSO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS ABRAPCORP, 5., São Paulo. 2011. **Anais....** São Paulo, 2011.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**, São Paulo (Nacional), v.1. p.96-116, 1973.

VASCONCELOS, E. M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias**. São Paulo: Paulus, 2003.

VITORINO, E.V; PIANTOLA, D. Dimensões da Competência Informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 40 n. 1, p.99-110, jan./abr. 2011.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 3. ed., 2003.

ANEXO A

COMO FILMAR VIOLÊNCIA POLICIAL NA FAVELA



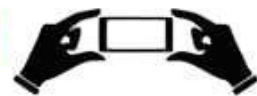
COM CELULAR

SE NÃO SENTIR SEGURANÇA, NÃO FILME

1 Avalie todos os riscos para você e para as pessoas que você pretende filmar. Analise o cenário, sempre considerando, se há mais pessoas que possam acompanhar sua ação. Se não estiver seguro não grave.

2 USE O CELULAR NA POSIÇÃO HORIZONTAL

Dessa forma você garante uma "janela" de vídeo maior e com mais informações. Tente evitar mover muito o celular, foque no seu fato e mantenha a mão firme. Se for possível (e se você tiver memória e bateria suficientes), filme sem cortes para que a ação seja registrada do início ao fim.



3 FILME DETALHES

Se for possível grave identificação de farda, rostos, numeração e placa de viaturas, cápsulas, armas, símbolos de patentes. Todos esses detalhes podem ser filmados em sequência, sem parar de filmar. Ideal que uma pessoa olhe o que está acontecendo ao redor de você enquanto você grava, para te avisar de possíveis riscos.



4 REGISTRE HORA E LOCAL DO FATO

Grave placas de rua, relógios de pulso e demais informações que assegurem o local e a hora dos fatos gravados. Se for impossível fazer isso, considere registrar no começo do vídeo com sua voz. Por exemplo: "Estou aqui às 4 horas da tarde, do dia 2 de abril de 2015 na Rua Canitar número 4..." mas evite dizer coisas que você não tem certeza, fale só o que você viu ou consegue provar.



5 BUSQUE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Algumas vezes quando filmamos um fato, precisamos contar o que aconteceu antes, para contextualizar o ocorrido. Nesse caso considere buscar outras informações. Como laudos médicos, documentos da vítima, marcas de disparos em paredes próxima, alguma matéria de imprensa que cite o caso, e talvez produzir entrevista com testemunhas. Nesse último caso, considere ter o acompanhamento de um advogado, e esconder a identidade da pessoa, cobrindo seu rosto ou filmando suas mãos. Ideal que seja feita em local silencioso (para um bom áudio) e sempre avaliando a segurança de todos. Evite a casa da testemunha ou locais que possam ser identificados pelo vídeo.



6 ENVIE O VÍDEO PARA PESSOAS DE CONFIANÇA

Pense em compartilhar seu vídeo com pessoas de confiança, organizações de direitos humanos, advogados ou jornalistas que podem usar as imagens para dar visibilidade às necessidades dos moradores. Mas tente não apagar o vídeo do seu celular até que você tenha uma cópia do arquivo original em outro local seguro. Se for compartilhar o vídeo nas redes, primeiro avalie se as imagens podem colocar a comunidade, a família da vítima ou você em perigo. Se sim, não compartilhe.



7 CHAME OUTRAS PESSOAS PRA FILMAR

Quando decidir começar a gravar seu vídeo, chame outras pessoas para filmar. Quanto mais pessoas filmando mais difícil de perder o registro e também dificulta a perseguição policial, uma vez que é mais difícil prender várias pessoas e celulares.

8 EXERÇA SEU DIREITO DE FILMAR

A Constituição brasileira garante: você tem o direito de filmar e fotografar a polícia em espaços públicos e nenhum policial pode te obrigar a parar de filmar ou apagar suas imagens. Ainda assim, mantenha a tranquilidade e acate a ordem se a sua segurança estiver ameaçada.

9 LEIA E PASSE ADIANTE

Faça essa informação chegar ao máximo de pessoas possíveis. Veja outros materiais como esse: <http://pt.witness.org/tutoriais>